O COSMOPOLITA

Orgam dos Empregados em Hoteis, Restaurants, Cafés, Bars e classes conjeneres

ANNO II — N. 17 | Rio de Janeiro, 15 de Setembro de 1917 | REDAÇÃO Rua do Senado 215—217 Telefone Central 1499

ORGANIZEMOS A NOSSA DEFEZA

O momento de estraordinaria comoção social porque atravessa a humanidade em laborioza gestação de um mundo novo, e em que se sentem vacilar os fundamentos do vetusto edificio do capitalismo, oferece aos desherdados da hora prezente, aos que vivem premidos sob o guante monstruozo do iniquo rejimen do salariato, a oportunidade unica de intensificarem esforços na renhida peleja pelas grandes reivindicações sociais. Sobretudo a nossa classe, em cujo seio a incipiencia da propaganda dos modernos metodos de luta operaria não conseguiu ainda destruir um sem numero de nocivos preconceitos que a dominam e a mantêm num indiferentismo que se não identifica em absoluto com as suas precarias condições economicas e morais.

A guerra, essa monstruoza chacina á que a criminoza ambição capitalista arrastou o povo trabalhador, veiu ainda mais empeiorar as já precarias condições de vida da classe dos empregados em hoteis, restaurants e cafés, cujos patrões, gananciozos e despidos dos mais comezinhos principios de moral, valeram-se cinicamente da oportunidade que lhe oferecia o conflito guerreiro para enterrarem com mais vigor as suas unhas rapaces nos corpos das suas vitimas. A sua esploração tomou então proporções verdadeiramente clamorozas.

A pretesto de crize e em meio a mais dezoladora rezignação dos tosquiados, os patrões com voz meliflua, compassivos da sorte dos seus escravos, foram, uma a uma, suprimindo ao regalias de que eles gozavam, (graças á lutas anteriores) pondo-os deante da alternativa aterradora da submissão incondicional ou do dezemprego. Foi então que se verificou o tripudio cinico da esploração levada ao auje em consequencia da nenhuma rezistencia encontrada na sua marcha triunfal.

Em tal emerjencia, que é que cumpre fazer aos que sofrem o pezo aviltante de tantas e tão dolorozas vicissitudes?

A resposta é obvia.

Nós, os trabalhadores concientes, os que nao nos deixamos embair pelas insiuuações capciozas dos patrões, e tampouco nos prestamos a servir-lhes de capacho, sabemos que é com o produto do nosso trabalho diuturno qne esses parazitas sociais, erijem as suas fortunas, fortunas que lhes asseguram o conforto de uma vida de gozos e não raro de dissipações e orjias, enqnanto os seus empregados, ou melhor, os seus escravos, se estiolam numa vida de necessidades não satisfeitas, suportando jornadas ezaustivas.

O contraste é flagrantemente sujestivo. E a unica atitude compativel com a dignidade de homens livres, de homens que, apezar de tudo, conseguem substrair-se ás fatais influencias da herença de um passado de submissão e afagam as aspirações sublimes e generozas de um futuro de felicidades, a unica atitude que nos cabe, diziamos, é a revolta contra esse estado de couzas que avilta e degrada a especie humana, nivelando-a com as demais, as quais, costumamos alcunhar de inferiores.

Ponhamo-nos de pé!

E' de pé que nos devemos colocar, diante da crecente e avassaladora esploração dos nossos patrões, erguendo bem alto o nosso brado contra todas as iniquidades, contra todas as mizerias e contra todas as violencias.

Ao Centro Cosmopolita compete assumir a vanguarda desse movimento, reajindo contra essa esploração e tambem, necessariamente, contra os subservientes por meio de uma companha vigoroza e educativa que lhes prepará o animo para a rezistencia ao esbulho dos seus direitos.

Essa é, afinal, a verdadeira e relevante missão da organização operaria: — despertar as conciencias dos oprimidos, orientando-os para as lutas grandiozas pela sua emancipação.

Para essa tarefa, que reputamos imprecindivel, estamos dispostos a empenhar o massimo das nossas enerjias. O COSMOPOLITA quando, num dia que ainda não vai muito lonje, surjiu com a corajem do convicto não foi, nem mais nem menos, sinão para a defeza daqueles que formam o valorozo ezercito disposto a jamais deixar-se ludibriar pelos esploradores da época que, apoiados nas couraças das suas pretenciozas, insaciaveis e torpes ambições, julgam-se portadores unicos e inatinjiveis senhores dos beneficios fornecidos ao homem pela imensa grandeza que é de todos e que um mau entendimento colocou nas mãos de uns poucos de privilejiados, em detrimento completo dos unicos que verdadeiramente têm direito, porque são os que tudo fazem: — os trabalhadores.

Se o papel de COSMOPOLITA é pôr-se em luta sem treguas, na defeza principalmente da classe de que é o éco vibrante de todos os sofredores neste rejimen de salariato, o momento que ora vamos atravessando demonstrará quão alto e firme levantará o pigmeu da imprensa, porém que é livre e sem freios, o seu grito de alerta e de protesto, fustigando com a sua critica e condenando com a sua convicção as injustiças patronais.

Basta de submissão!

De pé! Sempre de pé!

MEDIDA UTIL

Seria bem estraordinario, sobretudo pensando-se nas trocas e baldrocas financeiras, verdadeiro objeto dos morticinio: — que sómente os autores responsaveis da catástrofe deixassem de correr o minimo perigo.

Em vez de decidir que os deputados em edade de marchar uão marcharão, dever-se-ia decidir que os senadores e deputados, seja qual for a sua edade, marcharão todos. Formar-se-ia com eles uma glorioza coórte, um «batalhão de honra», um «batalhão sagrado». Até cair o ultimo, por-se-iam na primeira fila, sob o fogo do inimigo. Depois da guerra, os seus nomes seriam inscritos nos muros do Pateon.

Se os povos, de comum acordo, adotassem duma vez para sempre esta medida tão simples, nada mais haveria a recear pela paz. A paz seria solida, universal, eterna.

URBAIN GOHIER

O estigma das gorjetas

Um assinante de Chivilcoy nos pede que lhe informemos que estados da America do Norte têm leis que condenam o dar ou receber gorjetas, e quais as penalidades que aplicam pelas infrações correspondentes.

Revendo o boletim numero 148 do departamento do trabalho da America do Norte, que rezume a lejislação de trabalho de todos os estados até 1914, encontramos duas leis nos estados de Missisipi e Arkansas sobre o assunto.

A lei de Missisipi, sancionada em 1912, que traz o numero 136, declara em seu artigo 1· que será ilegal que as companhias ou donos de hoteis, restaurants, cafés, vagões-refeitorios ou dormitorios das vias férreas permitam a seus empregados e operarios, ou a estes mesmos, receber direta ou indiretamente gorjeta no dezempenho do seu trabalho. A lei proibe tambem dar gorjetas. As multas são aplicadas na seguinte escala: 100 dólars por cada infração cometida pelos patrões, quer dizer, por permitir dar gorjetas, e 50 dólars a cada pessoa que dê ou receba uma gorjeta.

Obriga tambem a lei a todas as cazas referidas a colocar em logar vizivel cartazes anunciadores das dispozições pertinentes, para que nenhum cidadão caia por ignorancia na sua sanção. Para conseguir a fixação desses cartazes estabeleceu-se uma multa de 100 dólars diarios para cada caza que não o faça.

No estado de Askansas, a lei numero 98, de 1913, dispõe em seu artigo 1· que nenhum creado, porteiro, caixeiro ou outro empregado de restauratns, cafés, vagões-refeitorios e vagões-dormitorios de ferro carris e veiculos particulares póde solicitar ou receber, direta ou indiretamente, nenhuma gorjeta. Proibe igualmente que os patrões permitam que os seus empregados ou operarios solicitem ou recebam gorjetas. As multas oscilam, segundo os cazos, entre 10 a 25 dólars por infração.

Parece-nos ecelentes as leis que acabamos de transcrever, para satisfazer os dezejos do nosso interlocutor.

O sistema das gorjetas que se mantém entre nós é geralmente desvantajozo para os homens que vivem dele. Seus salarios ou ordenados são irrizorios, e se éles assim os suportam, é porque esperam do suplemento que obterão sob a fórma de gorjetas, submetendo-se por adiantamento a uma dupla humilhação.

Por outro lado com este sistema, os patrões lançam sobre os consumidores o encargo de custear o pessoal de serviço, o que além de ser injusto, sái bastante onerozo.

E' necessario abolir este sistema, e que cada homem receba pelo seu trabalho a remuneração e compensação merecida. Assim se dignificarão esses trabalhadores, e é certo que adquirirão tambem uma conciencia de classe para defender e elevar coletivamente seus salarios e melhorar os seus horarios de trabalho.

Transcrito de "El Progreso Culinario", de Buenos Aires.

A MORAL DO SECULO

Quem abrigar em sua conciencia, quer principios politicos ou principios profundamente sociolojicos, como nós anarquistas, ficamos profundamente pasmados com a moral aplicada dos vastos principios politicos, sociolojicos e relijiozos nos tempos que decorrem.

Este principio do seculo XX, deve passar á posteridade como o seculo da Derrocada! Para justificar o maior crime da humanidade, recorre-se aos bons ou maus principios de todas as facções, todos os partidarios se amalgamam a justificar tão hediondo crime como se partecipassem com opiniões sinceras quando seus principios relijiozos, politicos e sociolojicos condenam.

E' a derrocada de tudo por tudo, é o triunfo do embuste para justificar o dominio de Marte!

Malditos tempos que tudo corrompem e tudo avassalam sem justificativa moral para um crime que selará o seculo como época barbara, profundamente barbara, em que o homem bastante enriquecido com a ciencia do seu tempo com conhecimentos de profunda sociolojia, se deixa envolver no maior dos cataclismos a que á humanidade tem sido dado assistir.

No mundo ha uma lejião enorme de revolucionarios, de antimilitaristas capazes de evitarem tamanho crime se em suas conciencias aninhassem principios com sinceridade, mas, da quebra dos seus principios, virá a quebra de carater e todos lhes chamarão de embusteiros, infames e covardes!

Os socialistas arranjistas ou o que eles entenderem, são os maiores cumplices da guerra dezenfreada, do cáos em que vivemos.

O mundo parece suspenso de suas faculdades, ajindo por impulso, sem analize, sem noção.

Liebknecht por um momento infinitamente pequeno levanta o tôrpor da humanidade, negando o seu voto ao credito para a guerra no parlamento alemão; Sebastião Faure é amordaçado pelos democratas avançados da democratica França da trilojia irrizoria... E a humanidade volta ao seu tôrpor sem um gesto de reação, e o velho Kropotkine... quem diria! larga o seu manto de purpura de pontifice da Anarquia (sic) e vai se confundir com os patifes de quem ninguem melhor do que ele, soube mostrar a podridão.

E' a derrocada!?

Das ruinas da Europa conflágrada, nós, os anarquistas sinceros, sem corrução, livres de qualquer interesse, pairamos acima de todas as mazelas sociais e podemos dizer de livre conciencia que não ha só ruinas da riqueza social derrubada á metralha, tambem ha as ruinas do carater de todos os patifes é bandidos que justificam tamanho crime que os posteros condenarão.

Os governos monarquicos, republicanos, etc., presentem-se já da reação inevitavel após a guerra, e vão introduzindo ideias modernas, de cunho mais liberal, a evitarem a reação. São paliativos que, talvez, consigam estender por mais algum tempo o sistema politico em que vivemos...

E' o estacionamento dos sãos principios, é a derrocada!

Mas o seculo XX póde ser dividido: a primeira metade o da derrocada; a segunda metade, talvez, da Reação!

Albino Dias

Soma e segue

O sr. Aurelino, governador da insula fluminense, desmanchador de "encrencas" burguezas e erudito interpretador dos testos legais que indicam aos homens a maneira de se conduzir com perfeita urbanidade e decoro, teve a oportunidade de, com uma simples declaração, dar vizos de legalidade a todo um montão de atropelos cometidos contra as organizações trabalhadoras.

O sr. Aurelino, com todo o caradurismo que carateriza um policia, com a falta de escrupulos de quem tem por habito farejar as trazeiras do transeunte a vêr se descobre algum "complot" através dos gazes mal cheirozos, com o sereno heroismo de quem sabe que mente, aprezentou-se-nos mais uma vez em cena para dizer que sempre professou um patriarcal amor pelos humildes da sociedade, que considerou em todos os momentos a gréve como um recurso perfeitamente de acordo com as leis do paiz, que nunca impediu reuniões publicas, nas quais os trabalhadores pretendessem maniiestar seus dezejos e, por ultimo, que toda a sua ação repressiva durante o movimento passado se reduziu em encerrar duas sociedades (sendo uma ilegalmente constituida) verdadeiros e temiveis focos de elementos sediciosos.

Está bem que o ilustre governador desta insula, diga burrices quando se trate de dissertações constitucionalistas, en que emporcalhe as já sujas mãos no negocio de telegramas particulares, pagos com o dinheiro estorquido ao povo sob a fórma de onerozas contribuições; pouco nos importa que se suicide se lhe apetece, para deixar-nos tranquilos, ou que zombe da burguezia toda fazendo momices e piruetas e ezercicios de corda bamba, mas o que não suportamos, senão com muita nauzea, é que pretenda aprzentar-se como amigo dos trabalhadores, porque eles não têm nem querem amigos dessa natureza. Para um obreiro um policia é a ultima vileza.

Póde ser que o terrivel traga-mouros seja amigo dezinteressado dos humildes e não tenha jamais cerceado os seus movimentos reivindicativos, mas tratar-se-á, provavelmente, dos da sua laia, e quando por reivindicações de classe se entenda o fazer-se mão baixa do dinheiro do Estado ou realizar negocios escuros em que se adquira fortunas imensas em poucos minutos.

A monomania de todos os neroides em miniatura é a de parecerem magnanimos com as suas vitimas e declarar com énfaze, sempre que se lhes antolha ocazião, que possuem um coração brando como a manteiga e mais apetitozo que o pão torrado; apenas o que ha entre eles e o povo é um pequeno ponto de vista que divorcia-os talvez mais do que seria razoavel, (por não ser o povo bastante culto para compreendera santa pureza de intenções que os anima). Por isso Aurelino, em virtude dessa monomania, declara publicamente que sente um tenro amor de bezerro pelo povo.

Mas, em nada nos agrada as caricias policiais de um homem que perversameute se compraz em martirizar e perseguir outros homens.

Declara mais o chefe de policia, que uma das associações encerradas estava ilegalmente constituida. Pouco nos dá. Deixamos de lado a terrivel acuzação. Nós, quando fundamos uma sociedade ou assentamos uma premissa sobre determinada questão, não costumamos pedir a opinião do chefe de policia, porque, além de o julgarmos incompetente para rezolver os nossos assuntos, o temos como um inimigo a que é necessario combater.

Anda mal o chefe de policia em intitular-se amigo dos trabalhadores. Rejeitamos sua amizade e proteção porque sobremaneira nos repugna entreter relações com quem traz as mãos manchadas de sangue proletario!

Póde o formidavel Javert carioca encerrar a vontade as sédes das organizações operarias. Mas terá que engulir á força a nossa propaganda emancipadora dos direitos dos esplorados!

João Vosgos

A vida da classe

Apelo aos companheiros em geral

Infelizmente até hoje a nossa coletividade ainda não poude compreender bem a elevada missão que está confiada ao O COSMOPOLITA, orgam genuinamente nosso e fundado para dizer publicamente o que queremos e espor, com argumentação clara e preciza, quanto somos escravizados, vilipendiados e esplorados por um patronato pouco escrupulozo, que calcando aos pés os sentimentos mais nobres de justiça, que devem ser peculiares a todos os homens sem distinção de classes, não trepidam em reduzir-nos á mais insignificante espressão de escravatura. Ora, não têm sido raros os comentarios que esterilmente alguns membros da classe têm feito a proposito de O COSMOPOLITA, se preocupar pouco com a vida da mesma.

Entretanto esses camaradas não se dão ao trabalho de trazer ao conhecimento da comissão redatora, os dados necessarios para dar-lhes publicidade com os respetivos comentarios.

Nós, bem devem sabe-lo a maioria dos companheiros, não temos constituido um corpo especial de reportajem para esse fim. Ninguem melhor do que aquele que é vitima de alguma injustiça, póde cristalizar nas suas colunas, a justa repulsa que lhe desperta nos seus brios de homem.

Portanto, todos nós devemos ser *reporters* das injustiças que sofremos.

Mas os companheiros, constranjidos talvez pela pouca facilidade que tem em escrever o que sentem, não tem a bem prestar-nos as necessarias informações. E' assim que a secretaria do Centro Cosmopolita compreendendo esse constranjimento na classe, e no sentido de facilitar os trabalhos á comissão redatora de O COSMOPOLITA, propõe-se com um pouco de esforço preencher essa lacuna, assumindo a direção de uma seção especial, na qual serão relatados os fatos que diariamente se desenrolam na vida da classe.

Para facilitar-nos o dezempenho desse encargo pedimos a todos os camaradas que tenham a bem mandar á Secretaria do Centro as queixas de todas as injustiças que sofrerem para que possamos fazer o competente *elojio* aos seus autores.

Esperamos que todos os companheiros saibam cumprir o seu dever.

O Secretario

Estava anunciada em 2.a convocação para a passada terça-feira, 11, uma assembléa geral para tratar de importantes questões associativas, entre as quais se contava a discussão do relatorio da Comissão de Poderes.

Entretanto essa Comissão inesplicavelmente deixou de enviar á meza da assembléa o seu trabalho, não havendo siquer comparecido um só dos seus membros.

Em consequencia, não se realizou a anunciada assembléa, e os numerozos companheiros que haviam acudido á convocação viram o seu tempo perdido, graças ao estranho criterio dos bemaventurados membros da Comissão de Poderes.

Por falta de espaço temos adiado de alguns numeros a publicação dos nomes dos companheiros que compõem a nova administração do Centro, os quais são os seguintes:

DIRETORIA

PREZIDENTE
Manuel Thomaz Pereira

VICE-PREZIDENTE
Jozé Ferreira Morgado

SECRETARIO
Raymundo Rodriguez Martinez

2. SECRETARIO
Francisco Magalhães Cerdeira

TEZOUREIRO
Manuel Domingos Rodrigues

2· TEZOUREIRO
Aurelio Mourinho Duran

PROCURADOR
Manoel Real Posse

BIBLIOTECARIO
José de Carvalho Perez

Conselho de Administração

José Prieto
Coriolano de Almeida
Francisco Vilar
Tomaz Fernandez
Manoel Dominguez
Emilio Lorca Medina
Francisco Alexandre
Julio Augusto Pinheiro
(Ha uma vaga)

Comissão de Syndicancia

José Cabral
João dos Santos
Serjio Blanco
Manoel Brazil
Jozé Maria Vilar

Comissão de Contas

Antonio Conde Garcia
Alfredo Barral Cavadas
(Ha uma vaga)

Comissão de Beneficencia

Antonio de Souza e Silva
Antonio Jozé da Cunha
Justino Pereira de Pinho

Toda a correspondencia destinada a esta seção, deve ser dirijida ao Secretario do Centro Cosmopolita.

A DEMOCRACIA YANKI

A civilização contra a barbaria...

A democracia yanki, que ainda ha pouco se incorporou as hostes que se batem pela civilização contra a barbaria alemã, acaba de dar uma robusta demonstração pratioa da sua civilização, condenando por sentença de um dos seus juizes os revolucionarios sociais Ema Goldman e Alexandre Berkman á multa de dez mil dólars, ou sejam cerca de 50 contos em moeda brazileira; Como aqueles nossos valentes camaradas não fazem parte de nenhum trust da grande Republica e, consequentemente, não possuem recursos para satisfazer tão elevada multa, será a mesma convertida em prizão, e que corresponde a 5 anos!

Ema Goldman, a conhecida propagandista dos ideais anarquistas, tem uma vida repleta de epizodios emocionantes. Varias vezes tem sido condenada pelos tribunais americanos, escapando das garras dos seus verdugos pela pressão da opinião publica. Ha alguns anos, numa escursão de propaganda que realizava pelos arredores de S. Francisco de California, foi inopinadamente agredida por elementos clericais, saindo incolume da agressão graças ao gesto de abnegação de um companheiro, o qual, para evitar a consumação do atentado, colocou-se corajozamente á sua frente. Tão heroico gesto custou a vida do seu autor.

São de *El Hombre*, do Uruguai, as linhas que a seguir transcrevemos, referentes á iniqua condenação

«Ema Goldman e Alexandre Berkman, anarquistas ambos, foram acuzados de dificultar a lei de reclutamento obrigatorio. Os dois foram condenados pelo juiz Meyer, á pena de 2 anos de prizão e uma multa de dez mil dólars ou o equivalente em prizão, que são 55 anos.

«Ema Goldman pediu uma revizão do processo, pelo que se verão, ela e seu companheiro de luta, novamente ante o juiz.

«Nós — disse Goldman — somos condenados pelo preconceito e pelo tirania. Porque não abandonamos os oprimidos, fustigando com as nossas verdades as faces dos opressores, nos eliminarão.

INTERPRETACÃO DA LIBERDADE DE PALAVRA

«O juiz Mayer disse em sua sentença: Este processo não é contra quem haja feito uzo da liberdade de palavra, a qual é garantida pela nossa constituição. Mas liberdade de palavra não significa licença para aconselhar a dezobediencia á lei. Liberdade de palavra significa espressão ordenada do que cada individuo pode fazer uzo.

«Os prezos apresentaram-se, em sua partida para o prezidio, altivos e serenos, tendo podido cumprimentar a muito poucos amigos por determinação do chefe de policia.

«Dois anos e trinta dias — disse Goldman — é um prazo um pouco largo, sairemos, porém, um dia e fustigaremos mais cruelmente esta ordem de couzas. Temos esperanças no povo norte-americano, em todos os povos do mundo aos quais deve chegar a noticia de nossa horrivel condenação. Ela convencerá o povo do valor da nossa luta. Somos anarquistas e o seremos sempre. Os ideais nobres não se olvidam; arraigam-se mais na soledade da prizão, porque são uma necessidade do pensamento.

«Berkaman disse ao juiz: Nós quizemos impedir que os trabalhadores fossem arrastados ás fileiras, porque assim não os levariam á matança, a uma guerra de irmãos, em que o assassinato é praticado por atacado. Não sou pacifista: sou lutador, e toda a minha vida é uma luta pela liberdade.

«E o povo norte-americano deve opor-se ao reclutamento.

«Cristo era o anarquista de seus dias; — disse Goldman — entre o seu cazo e o noss, ha pouca diferença. Ha 27 anos que propago minhas ideias, e tenho ganho prizões e mizerias».

REBELIÃO

Com gemidos agoureiros,
Num pavorozo lamento,
Lá fóra perpassa o vento
Chicoteando os pinheiros;
E a noite calijinoza,
De uma tristeza superna,
E' como a boca monstruoza
De uma monstruoza caverna.

Chove. O arvoredo farfalha.
Soturno o trovão ribomba
Como lojinqua metralha.
Depois o silencio tomba.
Pávido e tremulo escuto,
Mergulho a vista lá fóra
E vejo a terra de luto,
E ouço uma voz que apavora

Como um vago murmurio,
Mansa a principio ela ecôa.
Depois é um grito bravio
Que pela noite reboa,
Que para a noite se eleva
Num pavorozo transporte,
Como um soluço da treva,
Como um fremito de morte.

Essa voz cheia de ameaças
De imprecações e rujidos,
E' o clamor das populaças,
E' a voz dos desprotejidos.
Medonha, relutante e rouca,
vem desse mundo sombrio.
Dos que tiritam de frio
E não têm pão para a boca

Vem das lobregas choupanas
Onde em tarimbas sem nomé
Ha creaturas humanas
Agonizando com fome;
Vem da cloaca deleteria
Em que a "justiça" comprime
Esses que a mão da mizeria
Poz no caminho do crime;

Do quartel — açougue enorme,
Onde á espera da batalha,
Morta de fadiga dorme
A carne para a metralha;
Dos hospitais, dos hospicios,
Das tascas onde resona
A grei de todos os vicios
Que a mizeria proporciona.

Ah! nesse grito funesto,
Nesse rujido palpita
Um rancorozo protesto;
E' o povo, a plebe maldita,
Que sombria, ameaçadora,
Nas vascas do sofrimento
Mistura aos uivos do vento
A grande voz vingadora.

Tremei, vampiros nojentos,
Tremei. nos vossos dourados
Palacetes opulentos!
O sangue dos desgraçados
Sugai, bebei gota a gota,
Não tarda que chegue o instante
Em que a turba se levante
Sedenta, faminta e rota.

E quando comece a luta,
Quando esplodir a tormenta,
A sociedade corruta,
Ezecravel e violenta,
Iniqua vil, criminoza,
Ha de cair aos pedaços,
Ha de voar em estilhaços
Numa ruina espantoza.

Ricardo Gonçalves.

Odisséa de uma classe

Vem de longa data a esforçada luta em que quazi todas as classes trabalhadoras do Rio de Janeiro se tem empenhado afim de obter um pouco de melhorias. Desse constante esforço e por metodos diversos, tem algumas adquirido um pouco de melgorias para o bem estar, já por leis confecionadas pelos dirijentes, ou por alguns industriais que reconhecem as justas reclamações dos seus empregados, vão estes poucó a pouco adquirindo alguma couza do muita a que têm incontestavel direito.

Ha, no entanto, uma classe que tem vivido eternamente esplorada pela tirania gananncioza dos aptrões, por mais justas que sejam as suas reclamações, por mais enerjicas que sejam as suas lutas, por maiores esforços que tenha empregado junto ás autoridades competentes, nada têm conseguido em seu beneficio. Essa classe é a dos empregados em hoteis, restaurants, cafés e bars; a prepotencia do patronato nestes ultimos tempos tem ido ao estremo, e o desleixo das autoridades municipais em cumprir as dispozições de uma lei que regula o trabalho nessas cazas de negocio tem sido tão grande que chegase, afinal, á concluzão de que a mesme não eziste, varias vezes tem o Centro Cosmopolita se dirijido a alguns Prefeitos que tem tido esta cidade, afim de que os mesmos façam cumprir a lei em vigor, sem que tenha sido atendido. Na ultima reprezentação feita ao Ex. Sr. Dr. Amaro Cavalcante, quiz S. Ex., bem intencionadamente, nos atender, expedindo circulares a todos os ajentes, recomendando-lhes o ezato cumprimento da lei.

Não demorou, porém, muitos dias sem que a bajulação gananncioza dos negociantes fizesse esquecer os srs. ajentes da recomendação do Sr. Prefeito, e assim tem continuado tudo como d'antes. Ninguem ignora que é esta classe a mais sacrificada: um ecessivo horario de trabalho diario e sem um unico dia e repouzo durante o ano, e isto em troca de um diminuto ordenado mensal. Não sabemos quais os motivos deste ferrenho carrancismo que nutrem os patrões contra nós. Talvez a falta de cultura ou ignorancia.

Não ha muitos dias ainda, vimos uma associação de patrões ir ao encontro das justas aspirações de seus empregados, elaborando ela mesma uma lei mais ampla e clara, abolindo as 2 turmas e estabelecendo as 12 horas de trabalho nos dias uteis, não abrindo aos domingos e funcionando nos feriados até ao meio dia; esses negociantes que tão bem intencionados reconheceram os direitos que aos seus empregados assistia, foram os proprietarios das cazas de secos e molhados.

E' pois a nossa a unica, classe que não tem horario regulado nem descanso semanal, tornando-se portanto urjente uma lei que isso consiga.

Ariedree

Escuzado será dizer que a comissão redatora do COSMOPOLITA não partilha das legalitarias esperanças de que está impregnado este artigo. No entanto, como o periodico é orgam por ecelencia corporativo, ha nele logar para todas as tendencias e opiniões, que nem sempre têm a solidariedade da sua redação. — N. da R.

NO ASSIRIO

O prato do dia é a escorchamento

Chegam ao nosso conhecimento fatos que caraterizam bem acentuadamente o proverbial ganancismo do nosso patronato. No Assirio, o luxuozo estabelecimento do rez do chão do famozo "elefante branco", que tambem se intitula Teatro Municipal, campeia agora, franca e dezabaladamente, o rejimen do avança aos magros ordenados dos seus empregados a pretesto de tudo e de nada.

Sob a alegação de dezaparecimento de talheres e louças tentou ha dias a direção do Assirio descontar aos ordenados dos caixeiros certa quantia. Alguns deles, porém, rebelaram-se dignamente, impedindo com essa sua atitude de enerjia que se consumasse tão audaciozo assalto ao produto do seu suor.

De vagar, senhores do Assirio! Os tempos vão efetivamente maus, mas, ainda assim, não se justifica esse escorchamento...

Os fatos dolorozos

Deu-se, ha dias passados, no Restaurant Alexandre um triste acidente, infelizmente não raro na vida cheia de vicissitudes do trabalhador, do qual rezultou a morte, em circunstancias bastante trajicas, de um companheiro que ali trabalhava.

Um caixeiro daquele estabelecimento, quando procedia, aliás com muita imprevidencia, a limpeza de um dos lutres da iluminação da caza, situado a uma grande altura, perdendo o equilibrio caiu ao solo, vindo a falecer hora após, em consequencia de fraturas recebidas na queda.

Esse fato vem pôr mais uma vez em relevo a revoltante falta de escrupulos do patronato, que para trazer os seus estabelecimentos chics e garridos não trepidam em pôr em risco a vida dos que têm a infelicidade de servir-lhes, não satisfeitos com o sacrificio que lhes cauza com a impozição de horarios ecessivos e mortificantes.

Mas, não nos surpreende tanto o fato de um patrão que, para satisfazer caprichos na ornamentação do seu estabelecimento, não hezita em sacrificar a vida dos seus empregados, quanto a incrivel docilidade dos que a isto se submetem com a impassibilidade impropria de seres dotados de raciocinio.

E' comum vêr-se pelas manhãs, ás portas dos estabelecimentos, ou no seu interior, os empregados dependurado de grandes alturas, na faina da limpeza de paredes, tétos, candelabros, ventiladores, etc., realizando nesses trabalhos arriscados verdadeiros prodijios de equilibrio para não virem ao solo, como aconteceu a esse inditozo companheiro que acaba de perder a vida no dezastre do Restaurant Alexandre, cujo proprietario transplantou para o restaurant que lhe tomou o nome todos os habitos de tirania desse outro antro de esploração que é o famozo «Terezopolis».

Mas até quando timbraremos nós, os empregados em hoteis e restaurants, em dar tão tristes demonstrações de dezamor á nossa propria vida?

Nota curioza: nenhum orgam da grande imprensa, sempre tão ezuberante em relatar os mais insignificantes sucessos da vida urbana, noticiou a triste ocorrencia do Restaurant Alexandre. Teria sido intencional o estranho e geral silencio dos noticiaristas?

Reunião do G. E. do "Cosmopolita"

Quinta-feira, 20 do corrente, ás 21 e meia horas, reune-se Grupo Editor do COSMOPOLITA, afim de rezolver importantes assuntos de interesse do jornal, entre eles a organização do grande festival comemorativo do primeiro aniversario do COSMOPOLITA e um oficio de um membro do Grupo, referente a um incidente ocorrido por ocazião da eleição da nova administração do Centro.

Em vista da urjencia dessas questões dependentes de solução pede-se o comparecimento de todos os componentes do Grupo Editor.

A Caza do Povo

Na séde da União dos Operarios em Calçado V. e P. Esteira, realizou-se a 25 de agosto concorrida reunião anarquista para discussão das possibilidades de creação entre nós da Caza do Povo.

Em seus pontos capitais são já conhecidos os intuitos dos promotores dessa iniciativa. A Caza do Povo será uma instituição franca a todas as manifestações sociais e economicas do pensamento; todas as conciencias puras e todos os corações generozos, que almejam uma transformação profunda e radical nos valores sociais prezentes, terão nela a mais franca das acolhidas.

A caza do povo será um organismo dotado de ardoroza combatividade e iniciará e sustentará vigorozas pelejas de rejeneração social.

Em suma: a Caza do Povo dezenvolverá uma vasta obra de cultura no seio da massa popular preparando-lhe a mentalidade para as grandes lutas em prol da sua emancipação no seu triple aspéto: inteletual, economico e moral.

Infelizmente, porém, resentiu-se a reunião de uma necessaria coordenação de espozição, predominando lamentavelmente a maior confuzão. De sorte que não se poude chegar a um rezultado pozitivo. Nem porr isso, entretanto, dezanimaram os propugnadores da obra, os quais promovem nova e importante reunião para breves dias; será então lançado um manifesto no qual esporão amplamente os seus objetivos.

O leão, o carneiro e os dois amigos

Passando os olhos sobre a epigrafe acima os nossos leitores devem ficar devéras impressionados, porque mais parecerá este pequeno artigo uma anedota arrancada dos primeiros livros da nossa infancia, do que o encabeçamento de um bom bastão daqueles que em ocazião propicia se chama "justiça de Fafe", o qual deve ser aplicado sem dó nem piedade a muitos camaradas nossos que têm a leviandade ou a covardia de desdenhar da obra associativa junto ao patrão, quando este lhe pergunta se pertence ao Centro Cosmopolita.

O assignatario destas linhas dezejaria com bastante prazer que alguns desses hoteleiros apontasse os roubos ou outra couza qualquer que os seus associados têm praticado, mas estou certo que esses meios hoteleiros não nos apontarão, porque nós na vida associativa condenamos tudo o que não esteja dentro da moral e da razão.

Seria pelos simples fato de pedirmos mais um pouco de justiça e liberdade? Têm razão os senhores patrões defendendo o produto do roubo praticado contra os seus empregados, ou por outra, os seus escravos, porque todo o empregado tem o patrão que merece; o que é condenavel e os nossos companheiros pertencerem ao Centro, e terem a covardia de, se pertencem, dizerem que não, e em cazo contrario dizer que não o conhecem.

Ora, que crime póde haver em pertencer-se a uma sociedade, principalmente de classe, que tem só por principio e fim o bem-estar e a educação coletiva?! Ora, o que não é nada digno, que recomende um homem na sociedade, é pertencer a uma sociedade de classe e fazer o contrario para viver escravo do patrão no seu fizico e no moral, até que um dia ele deixe para sempre de juntar-se com o leão, seu inemigo predileto que só o quer devorar.

F. Mesquita

Brevemente

Acha-se em confeção nas oficinas graficas do COSMOPOLITA, e aparecerá brevemente, um interessante historico do Centro Cosmopolita, nos seus 14 anos de lutas sociais.

E' um trabalho que, estamos certos, despertará bastante interesse no nosso meio, pois que constituirá balanço verdadeiro da vida, por vezes acidentada, do baluarte das nossas aspirações de bem estar e liberdade, e uma narrativa fiel dos epizodios mais notaveis da vida associativa.

Situação intoleravel

Camaradas: é devéras emocionante o quadro negro que dia a dia se vai dezenrolando na nossa classe com o dezaparecimento de muitos dos nossos companheiros vitimados pela tuberculoze e outros até por dezastres nas proprias cazas dos nossos algozes-patrões. Por conseguinte urje, companheiros, que por um sentimento da propria dignidade levantemos um grito de revolta contra esse avassalamento da torpe esploração patronal, que pouco a pouco vai se prevalecendo do nosso indiferentismo.

Porventura não haverá remedio para esta situação deprimente dos nossos brios? sim, haverá quando todos os companheiros souberem dignamente colocar-se nos logares que ocupam, e recuzem-se ao absurdo de trabalhar sob os atuais horarios que reprezentam para nós, trabalhadores do seculo XX, a mesma degradação moral do troco e da chibata do antigo escravo: um verdadeiro oprobio! Sim! Haverá remedio quando altivamente rejeitarmos essa couza repelente que na maioria das cazas nos é fornecida a titulo de refeição: comidas azedas, encalhes, carnes avaramente conservadas nas geladeiras durante dias a fio, e que por fim, quando chegam ao periodo agudo da deterioração, são aproveitadas "para o pessoal", tudo isto com a complacencia dessa famoza senhora, a Hijiene Publica.

Como ezemplo de dezastres a que estamos sujeitos, tenhamos prezente o lamentavel cazo ocorrido no Restaurant Alexandre. O que aconteceu ao nosso infeliz companheiro é bem frizante. Subindo em uma grande escada para limpar uma gambiarra, e perdendo o equilibrio, caiu, morrendo horas depois. Curiozo foi o misterio de se procurou envolver o cazo; os jornais nada disseram a respeito. No entanto o cazo não foi assim tão dezapercebivel, pois a Assistencia acudiu e levou a vitima para o respetivo posto; é de prezumir, porém, que o humanitario patrão tenha informado que o cazo não tinha importancia e que o empregado sofria do coração. E' dos livros.

UM REBELADO.

A gréve dos operarios graficos

Os operarios graficos desta capital encetaram ha tempos, por intermedio da Associação Grafica, uma campanha para obtenção de certas melhorias.

Depois de reconhecerem a completa inutilidade dos meios cordatos e suazorios na reivindicação dos seus direitos, enveredaram afinal pelo unico caminho compativel com a dignidade da classe trabalhadora.

E começaram pela declaração da gréve nos nos estabelecimentos graficos de Pimenta de Mello & Comp.

Em replezalia, e temendo, é claro, que o raio lhes caisse tambem em caza, rezolveram os demais industriais declararem o lok-out: declararam-se tambem em gréve contra as suas vitimas. A firmeza em que se mantiveram os operarios graficos obrigou, porém, os seus esploradores á renderem-se á evidencia das suas justas ezijencias. A' hora em que redijimos estas linhas está terminada a gréve com a vitoria dos trabalhadores graficos.

* * *

Entretanto, ao mesmo tempo que nos rejubilamos com a vitoria dos nossos companheiros da classe grafica, ocorre-nos deixar nestas os reparos que alguns epizodios do seu recente movimento nos sujere.

Não se póde, afinal, dizer que a tatica empregada no movimento dos graficos fosse inspirada nos bons principios que a esperiencia nos aconselha como os mais eficazes, na luta entre o operario e o patrão. Não acreditamos nas virtudes do subsidio pecuniario na manutenção da gréve. A lição da esperiencia nos diz que gréve subsidiada é gréve fracassada. Houvesse se estendido por mais alguns dias o *lok-out* dos industriais e teriamos prezenciado o dolorozo espetaculo de vêr desfazer-se como bolhas de sabão a inconsistente solidariedade comprada, na apropriada espressão dos companheiros d'"A Plebe":

«Contra os patrões, senhores de grandes rezervas, de fortes meios de propaganda e de coação, a luta assenta muito mais sobre a enerjia, a rapidez no ataque e a solidariedade dos companheiros e da população na luta, do que nos mizeros vintens acumulados».